

1
ESUDO

Reportagem

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

13 de Junho de 1931

NUMERO 4



reporter

O
semanário de maior
tiragem e expansão
em Portugal

Grande reportagem e critica a todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeiros

Sai aos sabados e é posto à venda
simultaneamente em todo o país

Propriedade exclusiva de C. Cal

Director e Editor

REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Chefe da Redacção

MÁRIO DOMINGOS

Redacção, Administração e Publicidade

ROSSIO, 3, 3.º—TELEFONE: 2 5442-LISBOA

End. Telegr.: REPORTERX-LISBOA

Delegação no Porto

R. DA FÁBRICA, 11, 2.º—TELEFONE: 4353

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

Bertrand (Irmãos), Ltd.ª,

Travessa da Condessa do Rio, 27 - Lisboa

TABELA DE PREÇOS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50

6 " " " 25 " —Esc. 22\$50

12 " " " 52 " —Esc. 44\$50

Para as colónias e estrangeiro acrescem os respectivos portes

Pagamento adiantado

Novela N.º 20

Quinta-feira, 18 de Junho de 1931

O TRATADO SECRETO

Original inédito de AMÉRICO FARIA

CAMBISTA A FAVORITA, L.^{DA} TESTA

TEM À VENDA A GRANDE
LOTARIA DE SANTO ANTONIO.
BILHETES E FRACÇÕES
AO PREÇO DA SANTA CASA
DA MISERICORDIA

FÁBRICA A VAPOR DE
SABONETES E PERFUMES

Sabonetes, Loções, Agua de Colonia,
Pó de arroz, Elixir, Cremes, Saes, Pin-
turas para cabelos, Petroleos, Brilha-
ntinas, Pastas dentífricas, Esmalte
para as unhas, «Rouge», Extractos, etc.
SECÇÃO ESPECIAL: P. C. T. E.

DEPÓSITO GERAL

FÁBRICA

RUA ARCO BANDEIRA, 160, 1.º (FRENTE) RUA FRANCISCO METRASS, C. M. L.
LISBOA LISBOA

74, RUA DO ARSENAL, 78

LOTARIA DE SANTO ANTONIO

3.000.000\$00

Na Tesouraria da Misericordia de Lisboa estão à venda

bilhetes a 800\$00, décimos a 80\$00, vigésimos a 40\$00 e quadragésimos a 20\$00

Extracção a 13 de Junho

Homens & Factos do dia

SANTO ANTÓNIO é, realmente, um santo simpático. Podem os místicos da «Bernard», do baile das Soisas, do miguelismo em cuecas de seda e monóculo pintarem-no com o mesmo rapé das velhas beatas, fazerem-no mais frade do que cristão bondoso, inteligente e indulgente, porque ele é, será sempre, porque o foi, de facto, um santo jovem, mesmo quando velho, um santo que *evoluciona*, que revolucionou, que criou, que soube desejar o divino e o humano na sua visão da vida e na sua obra religiosa. É só assim se explica que o instinto popular fizesse dele um santo popular, um santo da mocidade, um santo que, em vez de impôr, mal humorado, soturnas penitências aos menores pecados, se sorria, tolerante, vendo os jovens engrandados de amor e saboreando voluptuosamente a existência, porque, no fim e ao cabo e contra os exageros pessimistas dos fanáticos hipócritas, a vida e os seus prazeres legítimos não são frutos do Inferno, mas obra de Deus. E se assim não fôsse, era caso — salvo seja! — para estarmos gratos ao Pôrco-Sujo, como dizem as velhas de sacristia.

Mas Santo António nunca foi santo de *salões*, santo de salisfrés, de saraus, de cristãos janotas, das sécias católicas, santo de *feeries*, de *matinées* do «Tivoli», milagreiro de poetas pedantes, de reclamos cabotinos, de tiros de empresários amadores. Pobre Santo António, contratado pela *Paramount* para fazer filmes sonoros em Hollywood ou a proteger vícios caros, nos recantos dos pacotes das avenidas...

Iludem-se os que tal intentarem. Santo António, além de todas as virtudes evocadas, possui a da fidelidade plebeia. Podem desencaminhá-lo com más companhias, que ele não troca a água da fonte pelo «champanhe» Cliquot nem as rodas das raparigas belas e plebeias pelos *charlestons* das *demoiselles* fedúncias e respectivos poetas... Santo António é dos bons, é dos nossos!

QUE SOMBRIOS dias se adensam no horizonte da Humanidade? Os profetas-sociólogos, não inspirados pelos segredos das estrelas, mas sim pelas denúncias dos espias, garantem que um novo Apocalipse está para breve. Há poucas semanas, Paul Boncour declarou em *Le Journal*: «Tomem bem conta desta data: 2 de Fevereiro de 1932. E, que os diplomatas e os governos comecem já a reflectir sobre essa ameaça horrível. Nesse próximo dia, a Europa joga, sangrenta e definitivamente, o seu destino». E como reflexo dessa profecia, o correspondente do *Matin*, em Berlim, escreve uma reportagem intitulada: «Algumas revelações sobre o ilusionismo do orçamento alemão». Essa reportagem descobriu-nos os seguintes créditos exigidos pelo exército do Reich, que devia comportar apenas...

4.000 oficiais e 96.000 soldados..... Autorizados pelo tratado de Versailles.

Mas... no capítulo E-21 desse orçamento lê-se:

Consérto e conservação de espingardas	150.000 mrcs.
Idem outras armas	5.181.322 "
	5.331.322 "

Ou seja: 32 milhões de francos para manter.....	84.000 espingardas.....	Do Tratado de Versailles.
.....	18.000 carabinas.....	

Para consérto e conservação de:

792 metralhadoras ligeiras.....	8.725.000 mrcs.	25.000 frs. por ano por cada metralhadora
e 1.134 metralhadoras pesadas.....		

288 canhões de 77 e 105.....	9.481.000 mrcs.	20.000 frs. por ano por cada canhão

252 "minenwerfer",	3.089.350 mrcs.	72.000 frs. por ano por cada

Isto além de...

Para conservação, exercício, controle, limpeza de armas.....	19.226.250 mrcs.
Despesa de cartuchos.....	11.089.000 "
Despesa de obuses.....	18.397.300 "
Despesa de obuses de "minen".....	4.780.750 "
Compra de bicicletas.....	10.000 "
Conservação de máquinas.....	199.900 "
Conservação de «skis» (?!?).....	99.078 "

Bela perspectiva, não é verdade?

DECORREU com muito brilho e proveito a *Semana da Tuberculose*... Pombal, que já pertencia um pouco à Liga de Paris... do século XVIII, mas a quem não se pode negar o talento de frases que parecem obras e de obras que parecem frases, disse, como síntese de post-terramoto: «O que nos resta a fazer, de melhor, é en-

errar os mortos e... abrigar os vivos». O indiscutível valor social dos resultados desta *Semana* não se limita exclusivamente a arranjar boas e fôfas covas aos milhares e milhares de portugueses que a tuberculose reduz, anualmente, a cinzas, como um novo Vesúvio em plena erupção de bacillus de Kock. Premeditam também, os seus organizadores, medicá-los, oferecer-lhes sanatórios, evitar até o perigo do seu contágio... Mas, e se nós pensássemos também na segunda parte da tirada pombalina: em abrigar os vivos ou seja a salvar os são, a comprimir as estatísticas fatais, e não só a evitar o alastramento da tuberculose, mas, sobretudo, a combater outro bacillus pior — o bacillus da Vida, aquele que auxilia o de Kock na sua obra? Enquanto o povo não tiver lares higiénicos, enquanto o analfabetismo proteger a ignorância suicida, enquanto a fome abre nos pulmões as estradas reais da morte, enquanto se exige do homem esforços que dão o pão mas que são tão perigosos como a fome, toda a luta contra a tuberculose resulta inútil porque... apenas enterra mortos — não salva vivos...

Reporter X

Desde o número de sábado passado que o *Reporter X* está sendo composto e impresso na casa Bertrand (Irmãos), Ltd., na Travessa da Condessa do Rio, 27. A perfeição dos trabalhos desta acreditada casa tem sido agradavelmente apreciada pelos nossos numerosíssimos leitores.

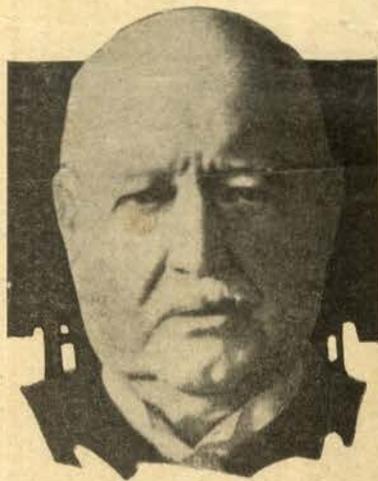
Subversivo... mas justo...



— Sim, é verdade! Eu disse: «Morra o tirano!»; mas eu referia-me a minha mi lher!...

Quem são os cinco portugueses que vivem na Rússia

SENTI sempre um especial interesse — umas vezes envolto em ternura, outras picado por uma pequena inveja... — pelos portugueses que se exilam, à aventura, para terras que não estão nos mapas da rotina e que o Eça simbolizou no «Alpedrinha...» Não me refiro a essas caravanas arrebanhadas pelos traficantes, que descem das montanhas de saco às costas e que se espalham pelos «Brasis» sem consciência humana, sem emoção, fatalistas ou ambiciosos-soturnos, animalizados como os escravos do tempo dos negrei-



António de Carvalho, um dos cinco portugueses que vivem na Rússia.

ros... Os que sempre me interessaram são os outros, os «reis magos» que fazem do sonho uma estrela e que a seguem com audácia e heroísmo — até acamparem em plena fantasia, muito longe da pátria, e sonhando depois com ela como antes sonhavam com os países de maravilhas que acabaram de conquistar... Encontrei «Alpedrinhas» por toda a parte: um barbeiro, em Londres, um comparsa de teatro, em Bruxelas, e até em... Kessin, no extremo norte alemão, porto sobre o Báltico, um criado do «Kaiser-Hotel», que lia e escrevia... mas só em alemão. Em português, continuava analfabeto. Há muito que penso reuni-los a todos num livro intitulado «Os portugueses que se perderam de Portugal». E bem fiz em atrás-lo porque me faltavam *specimens* preciosos à minha colecção. O exemplo dos cinco portugueses que vivem na Rússia dos Sovietes é flagrante...

Os estrangeiros da Rússia

Há mais de 14 anos que a imprensa mundial chamada burguesa afixa, no seu noticiário, cartazes berrantes e afletivos sobre a vida da Rússia sob o regime comunista. Esta propaganda não é das mais próprias a fazer daquele país uma zona de turismo como Nice ou St. Maurice — com atractivos para estrangeiros. Os diplomatas *frengolis* da III Internacional, do Kremlin misterioso e da famosa «Guepeau» começaram, há muito, uma contra-ofensiva, jurando e trejurando que em Moscovo e Leninegrado os antropófagos são raros e que os visitantes podem levar à vontade crianças — visto que este género de comestível está proibido e que os hotéis, os «expressos», os teatros, os *restaurants* russos oferecem todo o género de comodidades e de... segurança física aos clientes.

O facto é que as últimas ordens de Lenine — «contra-vapor» e «marcha atrás» — começaram logo a dar bons frutos, tratados comerciais, aproximação de capitais estrangeiros, etc.. E como esses idílios financeiros implicam viagens — atrás dos plenipotenciários, dos banqueiros, dos industriais e dos governos vieram as *Cooks* com as caravanas de turistas internacionais. Dessas visitas resultou a criação de novas colónias cosmopolitas em Moscovo e Leninegrado.

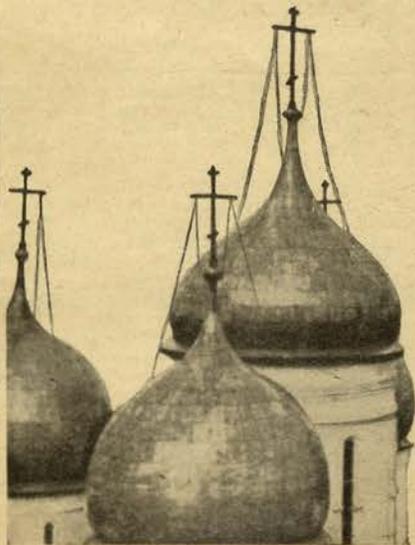
A propósito dos actuais aspectos da Rússia dos Sovietes, o reporter inglês Mack-Walter publicou uma admirável série de artigos no «Daily Graphic», pela qual ficamos sabendo o seguinte: Vivem actualmente na zona europeia da Rússia perto de 80.000 estrangeiros — dos quais 58.000 em Moscovo, 3.000 em Leninegrado, 10.000 nas outras cidades e os restantes espalhados pela província. Desses 80.000 — nada menos de 20.000 são asiáticos; 4.000 são americanos; 55.000 são europeus e 1.000, pouco mais ou menos, emigrados da África e da Oceania. Dos 55.000 europeus, 28.900 residem em Moscovo, assim divididos: ingleses, 3.000; alemães, 5.000; franceses, 2.000; polacos, 5.000; escandinavos, 2.500; tchecos, húngaros e austríacos, 4.500; balcânicos, 2.000; holandeses, 250; belgas, 150; suíços, 100; italianos, 2.900; espanhóis, 1.500; e portugueses... cinco...

Cinco portugueses na Rússia dos Sovietes (digo na Rússia porque a estatística não regista outros fora de Moscovo e seus arredores)? O que fazem? Como foram lá parar? Como vivem? Quem são?

Cinco portugueses

Dos cinco portugueses — três são fáceis de reconhecer; dois... talvez! Os três primeiros são... os que se seguem: 1.º — Artur Borges Gouveia, com 39 anos de idade, natural de Aljustrel (Alentejo). Foi tipógrafo, trabalhou em *A Capital* e tentou um jornal operário, em 1913, *A Luz*, de

que saíram poucos números. Quando Portugal entrou na Guerra fugiu para Espanha, estando envolvido nos movimentos revolucionários de Barcelona. Em 1920 saiu de Espanha e foi para Paris a pé. Em Paris foi barbeiro, tradutor, creador de café, e logo que amealhou algumas economias partiu para Berlim. O que foi a sua vida desde então até 1924, em que aparece como burocrata da Secção de Propaganda Estrangeira da III Internacional, ignora-se. Hoje numa bela situação, recebe um belo ordenado, usa de influências e casou com uma jornalista russa de quem tem dois filhos. 2.º — António de Carvalho, de 55 anos de idade, natural de Angra do Heroísmo. Emigrou, muito novo, para os Estados Unidos, onde fez fortuna, tendo dirigido uma casa bancária em S. Francisco. Em 1928, quando os americanos começaram a negociar particularmente com os Sovietes, partiu para Moscovo, onde, com curta demora, realizou grandes negócios. Até 1930 três vezes fez a viagem de ida e volta entre a América e a Rússia; a terceira fixou-se em Moscovo, montando escritório comercial para



importação e exportação. O seu retrato aparece num anúncio do Anuário de Propaganda Económica publicado em Inglaterra o ano passado. 3.º — Tomaz de Azevedo, de 48 anos, natural de Lisboa e filho de pai português e mãe alemã. Edu-

(Continua na página 12)

CHAMAM-LHES «máscaras de mortos», e, contudo, raras vezes o rosto humano apresenta menos disfarces, se mostra tão sincero, como no momento extremo em que do peito se exala o último sôpro de vida. E quando cai a máscara, esta máscara que a existência, com as suas armadilhas astuciosas, com as suas intrigas de comédia, com as suas traições e as suas tragédias, afivela na face de todos nós, comparsas desta peça ininterrupta que é a Vida.

Essa vil máscara hipócrita, que sorri quando deve chorar, e chora quando o coração ri, desaparece quando a Morte apaga no cérebro humano a última centelha vital. E a verdadeira expressão surge e fixa-se em linhas rígidas, inamovíveis como as de uma estátua de mármore branco. E aqueles rostos que, em vida, foram alegres e sorridentes, marquiham-se com uma severidade de juiz e os que foram ferozes, brutais, suavizam-se em sorrisos de penetrante ternura.

Todos temos de cor a face de Napoleão I, o conquistador da Europa, o vencedor de mil batalhas, o construtor de um império quasi tão vasto como o mundo. Era uma face carrancuda, severa, a fronte sempre vincada por uma obstinação muito intima, denunciando uma energia de ferro de antes quebrar que torcer. O seu retrato corre mundo em mil estampas diferentes. E sempre o mesmo rosto grave, quer se encare de frente, quer de perfil. Dir-se-ia que aquela expressão era a única de que seria susceptível aquele rosto, inalterável perante o perigo, sempre sisudo nos momentos de alegria ou de triunfo. Mas a Morte acolheu-o em seus braços, no destêrro de Santa Helena; e o que parecia definitivo no seu rosto, desfez-se, evoluiu-se, e sob a máscara severa outro Napoleão surgiu — um Napoleão tão diferente, tão oposto a aquele que o mundo se habituara a temer! Era, depois de morto, espiritualizado, em cujo rosto dir-se-ia já mais ter passado uma preocupação guerreira, um Napoleão de brando sorriso na face de cera, afilada. Era a máscara de um eremita, que tivesse vivido em santidade, não era a máscara de um conquistador que deixara por toda a Europa um rastro de sangue.

Que força misteriosa existirá para além da Vida, que assim muda com mãos invisíveis a mascarilha hipócrita que os mortais afivelam com tanta cautela? Que prodigiosas mãos são as da Morte, que num gesto invisível modelam no rosto humano expressões tão contrárias ao seu carácter!

Outros há que são depois de mortos o que foram em vida: mantêm a mesma expressão, as mesmas linhas inalteráveis, apenas um pouco mais pálidos, mais marmóreos. São iguais a eles próprios. Observa-se este fenómeno nas crianças. Depois de falecidas, as faces tornam-se mais infantis, mais mimosas, raras vezes apresentando os vestígios do sofrimento atroz que as vitimou. É como se estivessem mergulhadas

A VIDA DOS MORTOS

num longo sono, inocente, povoado de sonhos gentis. Junto delas apetece-nos falar em voz baixa, não vão elas acordar.

Não sabemos se já repararam com atenção na máscara mortuária de Beethoven, o músico genial, que parecia fixar nas suas composições a voz dos Deuses. Máscara de pensador, um pensador que profunda todos os mistérios do Além, como se lhe fossem familiares todos os problemas transcendentais e inacessíveis. Morreu como viveu — em comunhão com tudo o que há de superior na vida universal, tudo o que lhe nos contava nessa linguagem simbólica e sentimental que é a música.

Rochefort, o polemista terrível que fêz tremer com a ponta da sua pena os homens mais poderosos da França, o escritor de prosa cáustica, corrosiva, o que aterrorizava toda a gente, apresentava depois de morto uma expressão de espanto e de terror, como se a Morte tivesse sido o único inimigo que lhe temesse. Ante os mais fortes e os mais audaciosos, Rochefort, confiante na força indomável da sua pena, sorria, sarcástico. Perante a Morte, porém, sorria, sarcástico. Perante a Morte, porém, tremer, e ela talvez tivesse aproveitado esse momento de fraqueza para o subjugar.

Em Marat existe qualquer coisa de irónico, um vago sorriso amargo, o mesmo sorriso que aflou as

linhas aduncas do rosto de Guerra Junqueiro. Marat, que não hesitava em mandar guilhotinar os seus inimigos inocentes, acabou por ser guilhotinado. Ironias do destino. Foi, decerto, essa ironia que a Morte lhe fixou no rosto.

Os grandes seus versos todo o profundo mistério da Vida; esses magos da palavra, que nos fazem adivinhar grandezas inacessíveis, belezas transcendentais, também na hora suprema deixam tombar a máscara da existência para surgirem em toda a sua sinceridade. Veja-se a escultura modelada por essa artista, por vezes, mefistofélica, que é a Morte, de Paul Verlaine, o grande poeta simbolista. Há no seu rosto qualquer coisa do malabarismo dos seus versos exóticos, de uma tão estranha quão profunda beleza.

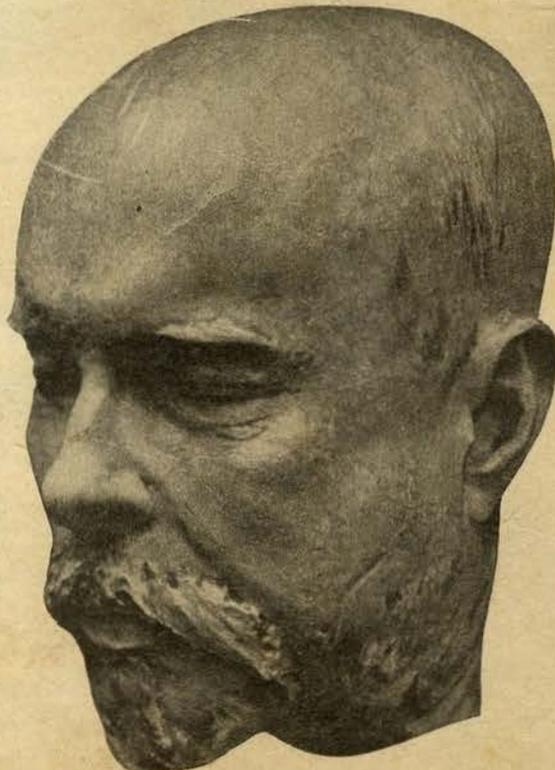
Estes poetas geniais, que passam na existência deixando um rastro luminoso de astro fulgurante, conservam na expressão dos seus rostos pálidos, exangues, algo do reflexo luminoso dos seus versos admiráveis.

Em Verlaine nota-se o espírito dos seus poemas extraordinários, que a Morte materializou no momento em que do seu corpo se evoluiu para desconhecidas regiões o sópro misterioso da Vida.

Mas sabe-se lá ao certo o que as expressões misteriosas da Morte querem dizer! Sabe-se lá!

Quando o homem conseguir desvendar o que se passa na região misteriosa da Morte, de onde ainda não foi possível receber notícias, talvez então consigamos saber coisas espantosas dessa outra vida que talvez exista — a vida dos mortos.

M. D.



Paul Verlaine, o grande poeta simbolista que soube orquestrar a sua poesia de ritmos melancólicos e longos. Nesta máscara grave e soturna parece vibrar ainda um eco dessa música planante

MISTÉRIO



DAS



FRONTEIRAS

As fronteiras — linhas sinuosas e quebradiças que dividem os povos e retalham o mundo em mil pedaços de formas caprichosas — têm os seus dramas, as suas comédias e os seus mistérios. A linha divisória, quasi sempre convencional, porque, em via de regra, corresponde mais ao limite máximo onde chegou uma ambi-



ção imperialista do que à nítida diferença de povo para povo, ou de raça para raça, tem sido através da História do mundo motivo de lutas gigantescas em que cada nação põe à prova os melhores dotes de espirito combativo, sagacidade, valentia e subtileza. E a luta para manter inalteráveis ou para alargar as fronteiras é permanente no mundo; umas vezes trava-se nos campos de batalha; outras, no segrêdo das chancelarias.

As fronteiras são, para cada país, o que é uma porta de segurança para cada casa: objecto da mais aturada vigilância. Só se abrem aos estranhos que ofereçam absoluta confiança. Daí a necessidade que os governos têm em verificar, a cada passo, se elas, as fronteiras — as portas de segurança —, estão aptas a suportar a violência dos estranhos que as forcem ou a subtileza do inimigo que pretenda penetrá-las sem alarme, disfarçadamente. Exércitos armados guarnecem-nas, detectives argutos vigiam-nas. Não há indivíduo ou objecto que por elas tentem passar que não sejam alvo de um exame atento. E para a defesa e ataque das fronteiras há segrêdos tão difíceis de desvendar como certos cadeados de cofres fortes. Todas as fronteiras têm os seus cadeados de segrêdo. E a nossa também os deve possuir.

As aventuras do contrabando

Todos os países na defesa da vida económica se defendem, por meio de proibições ou altas taxas alfandegárias, da importação de certos productos. Por isso todas as mercadorias que entram num país são objecto do mais rigoroso exame nas fronteiras terrestres ou marítimas. Dessas precauções nasceu um comércio, o mais movimentado e aventureiro que se conhece, o contrabando, e uma indústria, a mais variada e inteligente de que é capaz o cérebro humano, os objectos de disfarce de contrabando.

Seria matéria para uma série de volumes — e não para um simples artigo de jornal — o relato circunstanciado das aventuras, dos episódios burlescos ou dramáticos, gerados pela passagem de contrabando através das mais blindadas fronteiras.

O contrabando que forneceria material para os mais espantosos e sensacionais romances é o do álcool. O Reporter X já se tem ocupado d'este assunto revelando casos extraordinários, passados na América principalmente, onde a lei secca dividiu a população em duas grandes alas de renhida luta — a dos contrabandistas e a dos repressores do contrabando. Os contrabandistas, porém, lançando mão dos mais variados recursos, têm logrado manter permanente a inundação do álcool no país onde o seu uso é proibido. Os con-



trabandistas possuem uma verdadeira esquadrilha ao seu serviço, que cruza misteriosamente os mares e descarrega o álcool nos lugares onde a vigilância policial fraqueja. Entre os contrabandistas e a policia, travam-se verdadeiras batalhas, sangrentas e renhidas, nem sempre a vitória bafejando as hostes governamentais. As conseqüências misteriosas e secretas d'esse contrabando na América são os bars e o comércio clandestino do álcool.

E em Portugal? Também no nosso país o contrabando na nossa fronteira tem as suas tradições, as suas histórias picarescas, os seus enigmas indecifráveis. De Portugal para Espanha e da Espanha para Portugal, não há dia em que não passem clandestinamente mercadorias de contrabando. Os contrabandistas recrutam-se em todas as

classes sociais, desde rudes barqueiros, que atravessam pela calada da noite os rios Minho e Guadiana, carregados dos mais variados productos, ao comerciante de aparência honesta e ao suposto diplomata que se aproveita da sua influência e da sua posição social para evitar que lhe revisitem as malas bem recheadas de sedas, de peles raras ou apenas de estupefacientes.

O segrêdo da fronteira portuguesa

Mas de todos os mistérios das fronteiras os mais impenetráveis, os que em regra repousam em herméticos arquivos de chancelarias ou Estados Maiores, são os concernentes à defesa militar dos respectivos países.

Robert Macaire, o autor de *Au dessous de l'espionnage anglaise*, alcançou muito recentemente um grande êxito, após a publicação de um livro da mesma espécie, comentando a espionagem universal. Num dos seus capítulos refere-se às fronteiras e aos seus segrêdos — alguns seculares.

Segundo Robert Macaire, todos os países possuem um caminho subterrâneo sob as fronteiras por onde chegam a passar exércitos inteiros como se fossem toupeiras. Cita o escritor vários exemplos da França com a Alemanha, da Bélgica com a Holanda, da Itália com a Sérvia, da Tchecoslováquia com a Rússia, etc. E, no meio dessas citações, cita, com grande surpresa nossa, um subterrâneo na fronteira luso-espanhola. Em que lugar da nossa fronteira fica esse misterioso caminho que liga os dois países pelo sub-solo? Ignoramo-lo, como Robert Macaire parece ignorá-lo também. O que ele afirma, e com bastante razão aparente, é que, examinando através da Histórias as lutas entre portugueses e espanhóis, se verifica que os lusos, embora em inferioríssimo



número perante o inimigo, lograram sempre vitórias espantosas. «Essas vitórias tão gloriosas — diz ainda Macaire — não seriam possíveis se esse subterrâneo, que é segrêdo militar português, não existisse».

As fronteiras, que infinidade de mistérios occultam!

UMA NOVA SCIENCIA A GRAFOLOGIA DOS DENTES

RECORDAM-SE os leitores de uma série de revelações grafológicas sobre várias individualidades em destaque que o *Reporter X* publicou no seu início e que tão ruidosa sensação provocou... E compreende-se. Diz o povo que anda meio mundo a enganar outro meio. Sem sermos tão pessimistas como o povo, diremos que uma grande parte da Humanidade se esforça, com má intenção, por ocultar o seu carácter e o seu pensamento. Disfarçar, mentir, mascarar, é o segredo da vitória constante dos hipócritas, dos velhacos — ou apenas dos cínicos. A esta gente não podem, logicamente, agradar as descobertas científicas que iluminam os mistérios da alma e do cérebro... Era fácil defender-se dessa ciência — quando ela apenas sabia ler... nas linhas da mão. Bastava recusar a mão... Depois, veio a grafologia, e a resistência tornou-se mais frouxa. A letra é um espelho do que nos vai cá dentro, e como evitar que um pedaço de prosa manuscrita caia às mãos dos grafologistas? Em todo o caso, alguns conseguiram escamotear-se a esse perigo... passando a escrever só à máquina. Mas, como se fôsse pouco a grafologia da letra, surge-lhes outra bisbilhotice científica: a grafologia dos dentes. Basta um descuido, uma exclamação ou um sorriso para que a dentadura se desnude dos lábios e para que se faça o diagnóstico ao carácter... É arreliador, de facto...

Quem é o inventor da nova grafologia? Um italiano, dr. Sermo, de Florença, mas foi o «magazine» alemão *Das Leben* quem o revelou. Seguindo as suas instruções, que estão ao alcance de qualquer observador, e servindo-nos apenas, como matéria prima, dos dentes de algumas artistas e escritoras de maior renome ou popularidade dos nossos teatros e das nossas letras, vamos realizar a primeira experiência...

1.º — Dente regulares, branquíssimos, verdadeiras pérolas, direitos, perfeitos (uma «vedette» do *Maria Vitória*): Natureza orgulhosa e dotada de tal sêde de gran-

dezas que, para as conseguir, será capaz das maiores crueldades, até contra ela própria.

2.º — Dentes redondos, incisivos, muito unidos, quási a sobrepossem-se... (uma ilustre artista do Nacional): Espírito cordial e sacrificado, bom carácter, serenidade mas coração ardente. Delicadeza, e nenhum egoísmo.

3.º — Dentes um pouco arqueados, pequenos, branquíssimos (uma gentil actriz que esteve há pouco no Politeama):



Personalidade indecisa, indefinida, Idealismo. Incapaz de se guiar ou de se dominar.

4.º — Dentes ligeiramente separados, muito pequenos, felinos — *excusez de mol.* (uma distinta escritora): Carácter espontâneo, um pouco de má língua, pontualidade, regularidade, equilíbrio.

5.º — Dentes pequenos, redondos, irregulares (uma «vedette» do *Apolo*): Natureza invejosa, imprudente, de cólera fácil,

Basta um movimento, uma exclamação ou um sorriso para que a dentadura se desnude e se mostre, marcando o diagnóstico do carácter...



não criando amizades. Julga-se infeliz...

6.º — Dentes irregulares, mas interessantes; cor gris, pálido (dama da nossa melhor sociedade, com pretensões literárias): Natureza melancólica. Fidelidade. Sensualidade.

7.º — Dentes grandes, regulares, muito apertados (uma «vedette» que esteve há pouco no *Avenida*): Grande temperamento artístico, paixão pelo belo e nobre. Génio exaltado, mas fácil de dominar. Ambições legítimas. Amiga da sua amiga.

8.º — Dentes que dão a impressão de convexos, brilhantes, como se fôsem de porcelana. Grande espaço entre o incisivo e o canino (uma «vedette» do *Variada-des*): Bom humôr, amante da folia e do riso. Alegre. Trocista. Palradora. Ofende-se com facilidade, mas não é de reservas...

9.º — Dentes feios, irregulares, incisivos, acavalados (escritora e intriguista de muito talento): Carácter perigoso, irascível, nervosismo, comodismo, ambição, vaidade, espírito de intriga. Mentirosa e rancorosa. Não conquista amizades — e sofre por isso...

10.º — Dentes irregulares; os que costumam ser pequenos, nela são grandes, e vice-versa...; caninos agudíssimos (uma artista que há um ano não trabalha em Lisboa): Desequilíbrio, espírito extremista, selvático, tirânico. Vai direita aos fins, pouco escrupuloso nos meios a seguir, e vence, seja como for...

11.º — Incisivo enorme; grande espaço entre os dentes, irregulares («vedette»... também do *Maria Vitória*): Equilíbrio, poucas ambições, fácil de se contentar. Muito fiel e amante do seu lar. A mulher ideal, em suma...

12.º — Dentes de um tom amarelado, plantados um pouco ao acaso, feios e irregulares (uma actriz cantora muito aplaudida e que já não é criança): Teimososa, voluntariosa.

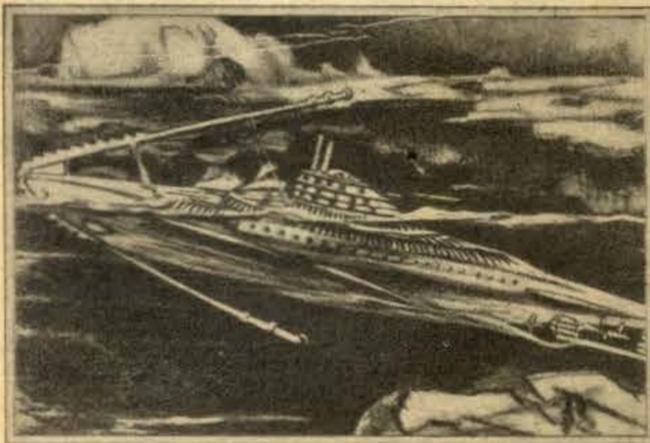
Não conhece o amor, mas gostava de conhecê-lo pessoalmente...

Dizia um poeta que os «dentes da mulher são como as pérolas do mar»... Hoje são mais do que pérolas, porque podem evitar muita desgraça... Basta para isso que sempre que nós, homens, sintamos atracção por uma mulher, lhe roguemos: «Sorria-se um pouco, minha senhora... Só um minuto... É para ver uma coisa...». E se os dentes estiverem na lista negra desta grafologia, é fugir enquanto é tempo...

ACONQUISTA

MUITO antes da nossa imprensa diária recolher algumas gotas informativas do «grande acontecimento», antes mesmo dos rotativos monstros de Paris, Londres, Berlim, Nova York terem disparado as primeiras projecções luminosas dos seus holofotes jornalísticos, fui procurado, em minha casa particular, pelo sr. R... de B... Embora me arrisque a qualquer suspeita caluniosa dos apaches com lingua de ponta e mola, limitar-me-ê às iniciais do seu nome, pelo muito respeito que devo ao seu talento, à sua modéstia, à sua energia, ao seu sonho... Aliás o tempo, com o seu laboratório químico, em análise dos factos é rigorosa, virá, mais tarde ou mais cedo, provar-vos que o sr. R... de B... existiu para além das fronteiras de uma página de jornal... E não é a primeira vez que o tempo tem achatado, com o dedo da verdade, os narizes arrebitados dos que, ao lerem o *Repórter X*, apoucam, com a dúvida desdenhosa, o nosso esforço em busca de causas inéditas e sensacionais...

Ora bem... O sr. R... de B..., como ia dizendo, procurou-me a uma hora pouco protocolar, ou seja após a meia-noite. E tão alheado estava da mecânica dos relógios e dos dogmas da sociedade, que dispensou o cerimonial das desculpas e das explicações. Havia 24 horas que ele amassava os miolos, na escolha do nome dum jornalista que estivesse à medida do seu cálculo. Não sei porquê, dez minutos antes de bater à minha porta, fixara-me mentalmente. Era eu o jornalista previsto, e já não perdeu nem um minuto. Trepou para o volante do seu carro (um «Ford» primitivo, comprado, meio desfeito, em 4.ª mão, por uma bagatela, que o seu engenho transformara, por tal forma que podia agora correr em desafio às melhores marcas, segundo ele afirmava, sorrindo) e ei-lo, pouco depois, na minha frente, fazendo-me revelações do mais valioso interesse. Antes, porém, de entrarmos no seu caso pessoal, tão inesperado e formidável, que deve apaixonar brevemente todos os povos — e o nosso muito especialmente, visto tratar-se dum português, vamos ao preâmbulo em que êle focou os outros «conquistadores do espaço infinito»...



JÚLIO VERNE REALIZADO: O submarino que vai conquistar o pólo sob as águas geladas...

—O senhor nunca ouviu falar do professor Piccard? Não admira... A imprensa só utiliza os verdadeiros acontecimentos científicos quando êles oferecem um interesse grosseiro, sensacionalista...

Ora o professor Piccard, que tanto necessitaria, agora, dos fluidos do ambiente criado na Humanidade inteira pela propaganda dos jornais, não teve ainda um reporter que comunicasse ao mundo o que representa o seu trabalho, o seu sacrificio, o seu heroismo. Se amanhã, realzada a prova, perdesse a vida, então sim, seriam páginas e páginas de inútil literatura...

—Mas quem é êsse sr. Piccard e o que vai êle fazer? —Indaquel eu, ansioso por defender a Imprensa...

—Sei-o, graças a uma revistazinha, sem fama nem grande tiragem, que se publica em Genebra — *Demain* —, que, saindo da rotina, falou com o dr. Piccard, e me serviu de intermediária para me corresponder com êle... O professor Piccard é um sábio e um herói que pretende realizar, dentro em poucos dias, esta proeza imprevisita: *Subir a uma altura de 16 quilómetros, voar para além da Terra, entrar, visitar, estudar os espaços infinitos que nos cercam...* Júlio Verne puro!

Como se preparou essa viagem à Júlio Verne

Por muito habituados que estejamos a ver realizadas, e banalizadas até, as mais inverosímeis e audaciosas fantasias dos escritores imaginativos, frente aos quais surge sempre o génio criador de Júlio Verne, ainda até hoje a audácia e o engenho dos realizadores não haviam passado os limites do próprio globo. O aeroplano que bate o record de altitude, o submarino que desce ao mar mais profundo, a T. S. F. que envolve com o seu som toda a Terra e que o transmite ilustrado com a visão fotográfica do transmissor são maravilhas reais arrancadas à invenção dos romancistas mas que não saem do globo terrestre. Ora a proeza de Piccard marca uma nova etapa e, daí o facto da Humanidade inteira (excepto os portugueses, a quem pouco se disse) ter embasbacado, assistindo à sua façanha, como se Piccard fosse um surpreendente acrobata que escalasse os astros.

Vejamos primeiro o que são as regiões que Piccard visitou. Um sábio francês — Teisserenc de Bord — chamou-lhes «Stratosphère», fixando-as como a parte superior ao envólucro atmosférico. Quere isto dizer que Piccard, alcançando essas regiões, saiu da Terra e entrou no espaço ocupado por milhões de astros, estando, o mais próximo, infinitamente longe. Contudo esta viagem é o primeiro passo, e muito firme, que se deu em direcção ao velho sonho de se poder visitar os astros como se visitam os países... Os conhecimentos de que a Ciência dispunha sobre essas regiões eram obtidos por meio de balões-sondas, ou se-

jam balões sem passageiros, mas dotados de vários aparelhos que registam um certo número de fenómenos... Mas o professor Piccard quis ir pessoalmente fazer êste estudo... Não

era empresa fácil e muito menos inofensiva. As condições atmosféricas nessa zona são tão pouco adaptáveis ao organismo que a certa altura da ascensão as veias e as artérias estourariam como se por elas corresse um explosivo e os viajantes ficariam, numa vigésima parte de segundo, totalmente esvaídos, mortos, empapados no seu próprio sangue... Era preciso, pois, não só dispor de um balão especialmente construído para esta aventura, como também duma cabine completamente fechada que os blindasse contra a atmosfera e onde êle e o seu colaborador, vivessem, como viveram, 36 horas, imitando os heróis de Verne... Se é apaixonante a narrativa dos preparativos dessa viagem, ela não se compara, nem ao de leve, ao descritivo emocionante do que foram essas 36 horas de clausura, em que o entusiasmo da vitória era constantemente abafado pela luta contra o imprevisito e pela ameaça da morte!

Quem é o professor Piccard

Piccard, o primeiro conquistador do espaço infinito, nasceu na Suíça francesa, há 44 anos. Foi, desde criança, um espirito extravagante, invulgar, lendo com o mesmo interesse os romances de viagens maravilhosas e os compêndios de estudo. E ainda hoje, a-pesar das suas ocupações científicas, sempre que pode arranjar umas horas de liberdade é para se entregar a essa literatura, que êle considera como um dos maiores prazeres da Terra. E tanto assim que levou consigo, na cabine, três obras de Verne e duas de Wells. As suas brincadeiras eram já amostras de façanhas, construindo, no seu quintal, aeroplanos de cartão e *yachts*... de metro e meio de longo. Tendo feito um curso brilhante, foi viver para a Bélgica, onde obteve o lugar de director do Laboratório da Universidade. Desde 1927 que êle estudava detalhadamente o plano desta fantástica empresa, plano êste que terminou em 1929. Para o pôr em prática precisava dum capital de 300.000 francos, e todas as suas economias juntas não atingiam um décimo dessa quantia. Tentou obtê-lo por meio de um Banco, mas os banqueiros ou o tomavam por louco ou se riam, a bom rir, da *patetice do sábio*...

Ora, havia três anos, que, por iniciativa do Rei Alberto I, se fundou, na Bélgica, um prémio anual destinado a encorajar as investigações científicas. Quis o Destino que o professor Piccard ganhasse êsse prémio, que era de 400.000 francos e que chegava, à larga, para realizar o seu velho sonho... A partir de então dedicou-se exclusivamente a essa obra...

Mãos à obra

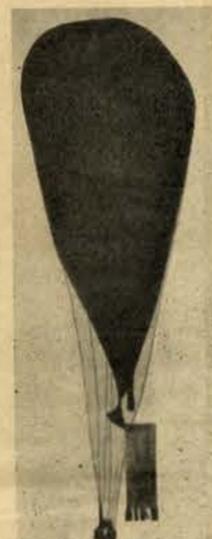
Sem dizer uma palavra fôsse a quem fôsse, Piccard fechou-se na sua quinta e começou, longe da publicidade, a construir o balão, um balão que devia subir 16.000 metros, pelo menos, e resistir a todas as pressões, ventos e, sabia Deus, a que surpresas das regiões nunca visitadas de além-Terra... O aerostato tinha 30 metros de diâmetro e uma capacidade de 14.000 metros cúbicos (quando os maiores balões conhecidos — os de Gordon-Bennett — apenas alcançam 2.200 metros cúbicos). O balão de Piccard apenas se encheu uma sétima parte, para ascender, dilatando-se, pouco a pouco, durante a ascensão por imposição do próprio gás. O envólucro é feito de algodão simples, coberto de *caoutchouc*, pesando 200 gramas por metro quadrado (90 de algodão e 110 de *caoutchouc*). Para evitar os efeitos perigosíssimos da temperatura — *frio de 50 a 60 graus abaixo de zero* — e as não menos graves

D
O
S
E
S
P
A
Ç
O
S

baixas de pressão foi preciso substituir, como já se disse, a clássica «cesta» do balão por uma cabine metálica, hermética. O que é essa cabine? A dose formidável de génio inventivo, de fantasia que revela, acompanhado por uma forte erudição científica, extraordinária, constitue o primeiro capítulo dêste extraordinário romance real...

A cabine novelesca

Piccard construiu a cabine numa esfera de alumínio puro de 0,0035 metros de espessura e 2,10 metros de diâmetro, abrindo dois alçapões de 50 cm. de largo, para entrada e saída dos tripulantes, e nove vigias ou janelas redondas, defendidas por grossos cristais, colocados em volta da cabine. No interior montou várias colunas para os tripulantes manterem o equilibrio, em caso de choque. Esta parte do aparelho foi profundamente estudada contra todos os perigos, sujeitando-a a uma experiência



O aerostato do professor Piccard.

em grande segredo. Na manhã de 28 de Maio os habitantes da aldeia onde Piccard se refugiara foram súbitamente surpreendidos ao verem erguer-se, por detrás dum muro, um imenso balão, dependurado no qual seguia uma esfera de alumínio. Julgaram tratar-se de algum bruxedo... E que Piccard apenas convidara 15 pessoas (entre as quais um jornalista) a assistir à partida para aquela viagem para além da Terra, a mais ousada que se empreendeu até hoje... E entre os que ficaram e que haviam animado os exploradores, nem um só deixou de pensar: «Eles não voltam mais! Esta aventura vai custar-lhes a vida!». E equivocaram-se.

O que foi essa viagem aos espaços infinitos

Trinta e seis horas depois, ou seja ao cair da tarde de 30 de Maio, os montanheseos de Innsbruck, no Tyrol austríaco, viram aparecer no céu, já sem reflexos solares, um ponto negro, como se fôsse um astro estranho e desconhecido. Esse ponto começou a dilatar-se pouco a pouco; e ao

verem-no aumentar de diâmetro, houve quem desalvorasse apavorado. Outros, mais calmos ou mais curiosos e valentes, esperaram a pé firme... E o disco negro, crescendo sempre, acabou por revelar as suas verdadeiras linhas... Era um balão, mas como nunca tinham visto outro! O que sobretudo os intrigou foi a esfera metálica que descia também. Caiu, por fim, sobre as neves, o aerostato, e eis que se abre um alçapão na esfera metálica e por êle surge um rosto humano, que espreita em volta, tornando a recolher. Ao cabo de alguns minutos viram dois homens; e quando se encaminharam, um pouco trêpegos e arquejantes (influência da respiração de ar... livre e puro), algumas mulheres e crianças fugiram, correndo. Os homens caídos do céu experimentaram vários idiomas para se fazerem compreender. Por fim, ao acertarem com o alemão, perguntaram onde estavam e se havia alguma estação telegráfica próxima. Uma hora depois o mundo civilizado estava informado da vitória alcançada pelo professor Piccard, e para aquela montanha tirolesa correram, no dia seguinte, verdadeiras caravanas: sábios, amigos, curiosos e... 50 jornalistas de todos os países.

Eis as primeiras revelações do professor Piccard:

—É preciso ter em conta que esta viagem acarretava perigos muito maiores do que qualquer outra exploração a florestas virgens ou a regiões nunca visitadas de Africa, da América ou da Oceania. Basta dizer que ascendemos a uma região onde um ser humano, bruscamente transportado para lá, pode rebentar com uma granada, devido à pressão interna do sangue, onde o céu é negro em vez de azul, onde o Sol aparece como um disco sem raios... Calcule que, depois da partida e já a caminho do grande espaço, vimos que uma corda do balão, mal segura, se soltara, enroscando-se de forma a bloquear o maquinismo, impedindo-nos de impôr a nossa vontade ao aparelho e obrigando-nos a pairar a 16.000 metros de altura todo o tempo que ao balão apetece. Calculem a nossa angústia. Reparar aquele mal era impossível. Bastava que abrissemos a menor frincha para cairmos fulminados, com as artérias, as veias, o coração estourados. Foi o que sucedeu a um gato que se anichara entre as grades da vigia e que no momento de subirmos não conseguira libertar-se daquela espécie de jaula. E como a ascensão foi ultra-rápida, o animal, pouco depois, rebentava, ejaculando plumas de sangue por todos os lados. Mau agouro! Quanto tempo ficaríamos ali, nas regiões inter-planetárias, sem saber se poderíamos resistir, se a nossa morte seria pela asfixia ou pela fome, ou se cairíamos bruscamente na Terra, sem saber quando nem onde, esmagando os ossos ou descendo ao fundo do mar! E fechados na cabine, eu e Kipfer, impusemo-nos a

obrigação de esquecer a ideia da morte e o seu cortejo de angústias, para trabalharmos e cumprirmos a nossa missão! Era de endoidecer!

«Ao fim de 20 minutos os nossos barómetros exteriores marcavam 76 milímetros! Ora nesse momento eu senti um esquisito tic-tac nos ouvidos. Kipfer também sentia o mesmo, e lançou-me um olhar inquieto, de resto justificado, pois nesse mesmo momento ouvi uma espécie de assobio. — «Depressa! Há aqui uma fuga! Busquemo-la!» — exclamei eu, segurando um pedaço de algodão empapado de vaselina. Era necessário agir depressa, pois se a fuga se mantivesse os nossos aparelhos de transformação de ar, iguais aos dos submarinos, não seriam recompensados, o que significava uma asfixia rápida. Kipfer, entretanto, entornava no soalho uma garrafa de oxigénio líquido. Os nossos timpanos vibravam: a pressão aumentara! Pouco depois estava passado o perigo. Mas... logo veio outro. Rebentou um termómetro e o mercúrio, espalhando-se no chão, começou a atacar o alumínio. Pensem bem o que seria um buraco na nossa esfera, aquela altitude! Também vencemos essa tentativa da Morte... Segundo a opinião dos sábios, aquela região devia sofrer um frio de 50 a 60 graus negativos. Preparámo-nos contra êsse perigo, e eis que, em vez de gelarmos, éramos aquecidos por um calor sufocante, como nem no Senegal se conhece! Padecemos os horrores da sede! E que os sábios esqueceram-se de que o Sol não aquece nem ilumina no vácuo — e por isso ataca com uma violência inaudita todos os corpos que encontra nesse vácuo, onde nós pairávamos. Sofrimos um calor infernal, mas éramos iluminados por um clarão dourado, como nem talvez em Dakar ou Brasil, ao meio dia...

(Continua na página 12)

Os que ajudaram a ascensão do aerostato do prof. Piccard.



INFINITOS

O SEGREDO DO JOVEM PORTUGUÊS QUE QUERE IR A LUA

...— «Como já lhe disse, estou em correspondência com o dr. Piccard, graças à revista russa *Demain*—prossigue o meu bizarro visitante da meia-noite.—E, pelo que conheço da sua vida e da sua psicologia, uma grande semelhança nos irmana. Infelizmente não me foi possível realizar o meu projecto antes da sua experiência. Não o digo com inveja. Sob o ponto de vista de sensação, se me interessasse apenas a glória e não o caminho para ela—bastava pensar no valor da minha obra para me sentir satisfeito... É que assim vou passar por plagiário, quando o que existe, afinal, é uma simultaneidade de ideias...»

Observei R... B... um pouco vesgamente... O inesperado e o anti-protocolar da sua visita nocturna, sem uma apresentação, o facto de ser frequente, nas redacções, o aparecimento de loucos com planos mirabolantes e, sobretudo, o sentido das suas insinuações semeavam graves suspeitas no meu espirito... O sr. R... B...—deixem-me retratá-lo à la minute...—é um homem novo, de pouco mais de 30 anos, magro, sem aparência enfermiga, feio (ele que me perdõe, quando me ler), abusando um pouco do que é permitido, lábios carnosos, em contraste com o escaveirado do rosto, nariz enorme, orelhas de vampiro, olhos inexpressivos, à força de distraídos e de ensonados, braços longos, dedos nodosos, e uma indumentária de clown: calças curtas, um fraque, dentro do qual o seu esqueleto baila como numa sala, colarinho e punhos de borracha, dêsses que parecem cilindros. Adivinhando as dúvidas que me enchiam de reserva.—R... B... desembolsou uma papelada e dela tirou umas fotografias. Ante essas «fotos», revelando-me, num claro de magnésio, todo o segredo daquele homem, apagou-se do meu pensamento toda a desconfiança que me inspirara. Essas «fotos» eram...

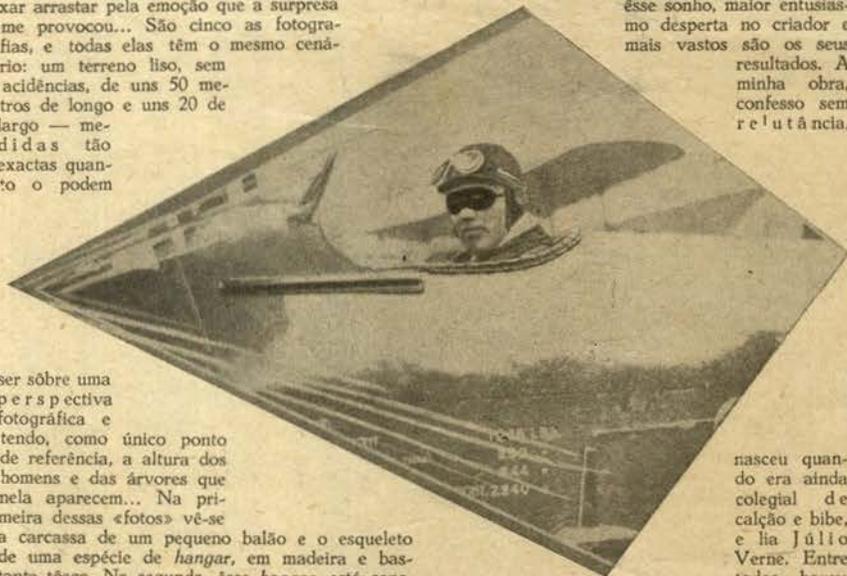
Perdão... Medodizemos, sem me deixar arrastar pela emoção que a surpresa me provocou... São cinco as fotografias, e todas elas têm o mesmo cenário: um terreno liso, sem acídências, de uns 50 metros de longo e uns 20 de largo — medidas tão exactas quanto o podem

ser sobre uma perspectiva fotográfica e tendo, como único ponto de referência, a altura dos homens e das árvores que nela aparecem... Na primeira dessas «fotos» vê-se a carcassa de um pequeno balão e o esqueleto de uma espécie de hangar, em madeira e bastante tóscos. Na segunda, esse hangar está construído, o balão invisível, mas surgem novos elementos: duas esferas sobrepostas, cercadas por um quadrícula de madeira que as sustem de pé e que permite a uns cinco operários que tremem e trabalham. (Entre êsses operários julgo reconhecer R... B..., em mangas de camisa e mais desganhado ainda). Na terceira e quarta, depara-se-nos um tubo de enorme bocal (dir-se-ia o final do cano duma peça monstra, semi-enterrada). Nota-se, além disso, nestas duas «fotos», uma espécie de bobine gigantesca, tendo ao lado um razoável dinamo e duas tórras, ainda em construção, ligadas, no tópo, por uma série de cabos que vão passar, precisamente, por cima

da bobine do bocal do tubo. A quinta é um *gross-plan*, tirado, ao que parece, dentro do hangar com o nosso R... B... em atitude solene, vendendo-se, à sua volta, um nunca acabar de aparelhos raros: um com forma de bombas, outros cilíndricos, outros, ainda, recordando os relógios e os barómetros...

Após a contemplação dessas «fotos»—repite—olhei, com respeito, para o meu visitante. Conhecia, agora, o valor e o objectivo dos seus planos, e admirava-o. Uma fotografia não é um discurso nem prosa rabiscada no papel, nem uma fantasia desenhada a lápis. Era, portanto, uma verdade o que ele insinuava, comparando-se ao professor Piccard. Escutemo-lo, pois, e com atenção:

—Todas as grandes obras da Ciência—começou ele—nasceram dum sonho. Quanto mais infantil e inverosímil for esse sonho, maior entusiasmo desperta no criador e mais vastos são os seus resultados. A minha obra, confesso sem relutância,



nasceu quando era ainda colegial de calção e bibe, e lia Júlio Verne. Entre todos, houve um romance que me apaixonou: a *Viagem à Lua*. É inacreditável como um pedaço de fantasia, como esta, pode influir numa existência! A partir de então, só vivi para o sonho criado por esse romance. Sou filho dum *abastado* (desculpe-me a banalidade da palavra...) comerciante de Braga que queria fazer de mim advogado. Lutei tenazmente para que me deixassem encaminhar os meus estudos em direcção a esse sonho, sempre com a esperança de um dia... ser um herói de Júlio Verne... e conquistar os espaços infinitos... Os meus êxitos de estudante são frutos do entusiasmo e da pressa que eu sentia

pelo meu sonho. Estudava... como se os estudos fossem já preparativos dessa grande aventura. Terminados os meus cursos, e como, felizmente, não necessitava trabalhar para viver, dediquei-me aos meus planos... Desde 1919 que me preparo, que amealho e experimento todas as inovações, criações e evoluções da Ciência adaptáveis ao meu projecto, que penso e queimo os miolos, procurando, eu próprio, criar, inventar, aperfeiçoar... Em meados de 1926 estava apto a começar os preparativos materiais... Mas... faltava-me o que sempre nos falta para estas obras: o dinheiro. Meu pai morreu em 1923 e minha mãe em 1924. Infelizmente havia complicações para eu receber a herança, atrito que só venci há dois anos. A fortuna de meus pais era de 800 contos, dos quais me cabiam 600, mais do que o suficiente para a minha viagem. Com que alvoroço iniciei o meu trabalho... Fui a Paris, a Berlim, a Leipzig comprar e encomendar material e aparelhos. Só em prata para os «imans-dinamos» (?) foram 28.000 marcos! De regresso a Portugal, comprei uma quintarola em... (Cabo o nome do lugar citado, nos arredores de Lisboa, e próximo de Queluz), alisei um terreno bem fóra dos olhares indiscretos, contratei uma brigada de operários alemães, que vivem, com as famílias, dentro da quintarola, sem nunca dela saírem (condição essencial do nosso contrato), e eis a preparar-me para a maior conquista da Humanidade, infinitamente superior à de Piccard: a conquista dos astros...

—Sim, é esse o meu sonho, o meu plano, a minha obra. Piccard declara que a maioria das teorias dos sábios sobre os espaços estão erradas. O mesmo deve suceder às que procuram explicar-nos as condições de vida nos astros mais próximos à Terra. Tudo quanto se tem dito sobre atmosfera, geografia e habitantes da Lua e de Marte pode ser *aproximado* ou pode ser *totalmente falso*. Portanto, a empresa não pode constar de uma só viagem, mas sim de uma série de viagens para sondar a verdade—e só depois de a conhecermos suficientemente é que se realiza a *da conquista*. Não sei, pois, quantas vezes terei de subir aos espaços para alcançar o meu objectivo.

«Lógicamente, o problema divide-se em duas partes primordiais: a da ascensão, ou seja da viagem até lá, e a da defesa do nosso organismo contra as surpresas mortais que devem aguardar-nos. Esta última estava já resolvida por mim quando Piccard a revelou. A única diferença é que a minha cabine é mais espaçosa do que a de Piccard, compondose de duas esferas, levando transformadores de ar muito superiores aos dele, visto que a viagem, embora mais rápida, tem que ser muito mais longa. Quanto à viagem propriamente dita, resolvi-a juntando os dois processos conhecidos (embora um mal experimentado ainda): a ascensão em balão, e este provido de

(Continua na página 15)

O ilusionismo, considerado a «aristocracia» do «music-hall», é uma das mais velhas artes da Humanidade. Já antes de Cristo, certos egípcios, gregos e persas pasmavam as multidões com as suas sortes. Na Índia, a ciência dos fakires conteve sempre uma forte dose de ilusionismo, porque de ilusionista é a técnica de que os fanáticos se servem até para realizarem os seus sacrifícios inverosímeis. Na China houve sempre grandes ilusionistas — ilusionistas miseráveis e andrajosos, que calcuavam as estradas, e outros que sobem até ao favoritismo dos imperadores, como um tal Ling-Fan, a que Henry Dubré se refere num dos seus livros, e que, no século XVII, comprou a vida de um condenado à morte ao preço de um «truc» curiosíssimo... — um «truc» de ilusionista. Na Idade Média, a magia era, por vezes, uma mistura confusa, entre loucura, ciência e... ilusionismo.

O que era Cagliostro senão um ilusionista? O seu melhor biógrafo, o inglês Kettelbey, explica a profecia por ele feita a Maria Antonieta, mostrando à rainha a sua imagem junto a uma guilhotina, na água de uma garrafa, com o ilusionismo de um pequeno espelho colado ao vidro da garrafa, espelho esse onde ele pintara a... «vi-

veio, como ilusionista, em dramas da vida real. Para prestar um grande serviço a certo infante, já falecido, não hesitou em se arriscar a um «número» no qual ia perdendo a vida. Leia *O Primeiro de Janeiro* de 5 de Agosto de 1882...

Hoje, o ilusionismo é mais do que uma arte, é uma grande indústria. Revelemos alguns dos seus segredos industriais...

Conheci, em 1925, no «Faun», de Leipzig, um dos artistas de «music-hall» que mais me entusiasmaram até hoje: Leon Muller. Três vezes assisti ao seu «número», e no fim da terceira pedi que mo apresentassem. Fômos amigos, organizámos «picnics»; conservo ainda fotografias de alguns passeios que demos, com colegas seus de ambos os sexos, aos belos arredores da mais bela cidade alemã — e a ele devo muitos capítulos do meu «dossier» sobre os bastidores dos teatros de variedades. Uma tarde, após o almoço, propôs-me:

— Queres visitar a «loja» mais extravagante do mundo? Dá-te uma reportagem, pela certa. É difícil a entrada, mas, deixa-me eu falar e não haverá novidade...

Segui-o, aguardo interesse. A loja em

espesso, o que tornava mais misterioso o ambiente... Ao sair da sala entrámos num corredor, igualmente muralhado de reposteiros — uns dez ou doze —, todos de veludo negro, bordados a prata. Alguns estavam entreabertos, e, espreitando por essas aberturas, vi umas saletas tendo ao fundo, cada uma delas, um pequeno palco. Em cada saleta estavam dois, o máximo três espectadores; em cada palco sirandava um sujeito, esbracejando e falando, não me deixando a dama, que caminhava velozmente, aperceber-me do género de trabalho desses artistas. Por fim, convidou-nos a entrar num desses teatros liliputianos, o único que estava deserto e com o pano corrido. Sentámo-nos, e a dama entregou a Muller um livresco, demorando-se a discursar sobre cada título que apontava. À medida que Muller lhe ia respondendo, ela, com um lápis e um «block» na mão, rabiscava umas notas, como um «maitre» de restaurante ao fazer o menú a um cliente. Por fim, desapareceu, e Muller, sem me esclarecer, gozando voluptuosamente a minha curiosidade, lançou-me uma piscadela de pálpebras, em silêncio...

Dez minutos depois, multiplicavam-se as luzes da sala e da ribalta, subia o pano e surgia no palco, aos salamaleques, um ca-

XX A ARTE DE XX ENGANAR O RESPEITAVEL XX PUBLICO XX

são... Rinsky, que serviu de inspiração ao «Joueur d'Echecs», era um ilusionista máximo do século XIX, e a imperatriz Catarina da Rússia contratava-o com frequência. O segredo do seu número de «decapitação» ainda hoje está por revelar. Muitos artistas modernos o imitaram, mas conhece-se o «truc», que foi inventado por um espanhol chamado «Turilla», em 1880, e que só com esta sorte percorreu o mundo, ganhando uma fortuna. E o seu «truc» consistia num cenário negro e num trapo, também negro, que cobria a cabeça do decapitado no momento em que ele lhe dava a machadada, e numa cabeça... de cartão ou cera, oculta num alcapão, que reholava no soalho... Mas Rinsky «decapitava» sem cenários negros e sem utensílios especiais. Houve um príncipe polaco que lhe ofereceu um bom punhado de rublos para que lhe revelasse o segredo deste número, e ele recusou-se... A história daquele jovem oficial polaco, condenado à morte, e que ele liberta e faz passar a fronteira dentro... dum automóvel, é absolutamente verdadeira...

Mas não foi Rinsky o único ilusionista que aproveitou a sua arte para bem-fazer, descobrir infâmias, salvar mártires — fora do palco. Houve um artista dinamarquês — Bojerson —, que gozou grande popularidade entre nós, sobretudo no Porto, onde, no século XIX, o povo lhe chamava o «Bojerson» e que, por mais duma vez, inter-

questão estava numa das ruas de aspecto medieval que Leipzig conserva — com arcarias, torres, varandas bojadas, portões chapeados de ferro... A extravagância do estabelecimento começava pela fachada. Eram três portas hermeticamente fechadas e emolduradas com pinturas orientais e decorações cabalísticas, à laia de templo negro. Muller premiu um botão, a porta abriu-se e entrámos para um vestíbulo cujas paredes eram longos reposteiros negros. Uma dama de óculos de aro de tartaruga veio-nos atender. Muller tratou-a com uma intimidade risonha, o que não a impediu de me medir de alto a baixo com um olhar severo e suspeito. Percebi que perguntava ao meu companheiro quem eu era. Muller falou-me em «portuguese director» o que modificou toda a expressão da dama. Ergueu-se um dos reposteiros, e senti a primeira surpresa. Estávamos numa espécie de armazém, misto de «sala-fantástica», penumbrosa, com lâmpadas de côres veladas, semi-ocultas em «capouchons» de seda. Marginavam a loja longos estendais de um «bric-à-brac» bizarro — velharias... aparências, caveiras, animais em pasta, dados gigantes, caixas misteriosas, caixões de defuntos, cutelos, cestos, punhais, pistolas enormes, e até uma metralhadora... Ciceronados pela dama, atravessámos a sala, que devia ter uns 25 metros de fundo. Os nossos passos eram abafados pelo tapete

valheiro encasacado. À sua volta, mesas cubistas, biombos, tamborettes, quadros, etc... Fonografando em alemão o eterno e interminável disco de todos os prestidigitadores, começou a realizar uma série de pasmosos números de ilusionismo, completamente inéditos para mim. Recordo-me do seguinte... Apresentava uma gentil figurante, trazia-a para a sala, sentava-a, cobria-a por completo com uma espécie de saia-balão enorme, voltava ao palco, desenhava a carvão o retrato dessa figurante na tela; depois, rasgando o papel, «arrancava»... do lado de lá a retratada em carne e osso; e, levantando a seguir a saia-balão que deixara na sala, aparecia-nos uma ranchada de petizes. Outra sorte, mais impressionante ainda, era a de uma pistola que ele nos pedia para carregar, convidando-nos a subir ao palco e a disparar contra o seu peito nu, a uma distância de meio metro. As balas batiam-lhe na carne e resvalavam para o soalho...

Mas o mais imprevisível daquele espectáculo era que, terminadas as sortes de ilusionismo, o artista conduzia-nos ao palco e ensinava-nos a executá-las, explicando-nos os «trucs», exibindo-nos os alcapões, ensaiando-nos os gestos, etc... O segredo da sorte da pistola, por exemplo, consistia no seguinte «truc»: O biombo que nos servia de fundo continha um jogo de espelhos. Na relativa penumbra, esse jogo de espe-

lhos criava, por reflexo, um segundo prestidigitador, contra o qual o espectador apontava a pistola, indo as verdadeiras balas bater num alvo acolchoado, que as recolhia e ocultava, ao mesmo tempo que o artista, premindo um tubo de borracha..., fazia resvalar do colarinho para o peito, e do peito para o soalho, umas balas... convencionais... — «Quanto de mais perto o espectador disparar — aconselhava-nos ele —, melhor resultado se obtem, porque mais desvia a pontaria».

* * *

A saída, Muller explicou-me:

— O ilusionismo é ainda o género de «music-hall» mais disputado, mas é também o mais difícil, porque se esgota e cansa rapidamente, e o público exige sempre novidades sensacionais. E tanto assim que o nosso sindicato de artistas, que em 1910 registava 300 ilusionistas e prestidigitadores, apenas possui, actualmente, oitenta e tal... Mas vale a pena trabalhar porque, quando se atinge certo brilho, os empresários pagam bem. Van Halder, o rei dos «trucs» do «music-hall» alemão, ganha 3.000 e 4.000 marcos por noite. Os americanos tentam suplantar os europeus pelo luxo da «mise-en-scène». A Europa conhece apenas os mais plebeus — o Reynolds, o Raymond, o Stevens —, mas nenhum desses se compara ao Thomas, que nunca saiu dos Estados Unidos, que possui um repertório de 400 sortes, 50 das quais de grande sensação, que viaja com uma «troupe» de 5 ajudantes, 60 figurantes, 15 creados, além dum jardim zoológico completo — tigres, leões, elefantes, búfalos, águias, cães, ratos, patos, pombos (só pombos são uma centena), etc.. O seu cenário e material de cena enche cinco vagões. O capital empatado eleva-se a 300.000 dólares, e ele está milionário.

«O que muita gente ignora é que raros são os ilusionistas que inventaram as suas sortes. Existem inventores especialistas, que nunca subiram a um palco, mas que vivem exclusivamente de criarem números de prestidigitação. O artista, por sua vez, dirige-se a estas «lojas» e nelas compra, ou o exclusivo ou apenas o direito de exhibir as sortes e o material relativo a elas. Eis a mecânica da nossa profissão...: os inventores (na Alemanha vivem uns dez ou dōze, e um deles é engenheiro de fama — Karl Ritzer) possuem os seus «ateliers» e os seus operários. A cada criação nova — fazem propostas aos vários comerciantes. Existem dois em Berlim, um em Leipzig, (que é o mais importante da Alemanha), um em Hamburgo, três em Londres, dois em Paris, um em Viena e um em Copenhague (que é o mais célebre da Europa e talvez do mundo). Os comerciantes fazem o seu preço. A «cidea» varia entre 100 e 10.000 marcos. A sorte dos «globos mágicos» foi vendida pelo inventor por 12.000 dólares e comprada pelo Thomas, que tem o exclusivo, por 20.000 dólares. O inventor vende a ideia, sob a condição de só ele fazer o material para todos os ilusionistas que a quiserem usar. Nós, os artistas, sempre que precisamos de renovar o nosso repertório, visitamos estas «lojas». Elas dispõem de vários caixeiros-prestidigitadores e de vários palcos como aquele que vii agora. Mostram-nos a lista das últimas novidades, seleccionam-se as sortes que nos interessam — e os «caixeiros-artistas-professores» fazem a experiência e ensinam-nos a realizá-las. Cada visita destas costuma custar-nos uma conta calada... Estas casas também dispõem de professores, que ensinam aos neófitos o *abc* da arte. A tabela varia conforme os professores.

A conquista dos espaços infinitos

(Continuação da página 9)

E tanto assim que quando anoiteceu o balão continuou a ser iluminado por invisíveis raios do Sol...

«Quantos fenómenos não nos surpreenderam! Quantas teorias dos sábios não se desmentiram aos nossos olhos! Segundo essas teorias o balão devia descer quando anoitecesse. Que pasmo o nosso ao constatarmos que tal não sucedia, continuando fixos no espaço, quando, olhando para baixo, para a Terra, a víamos já envolta na negrura da noite. E nós cheios de Soll Entroelhávamo-nos em silêncio, cada vez mais inquietos, como se nos condenassem a ficar eternamente ali... Alimento havia para mais 48 horas, bem dividido. A água acabara-se. A atmosfera tornara-se mais densa... Súbito, o barómetro, que havia tantas horas se mantivera altíssimo, começou a descer. Espreitámos de novo a Terra — e que bela metamorfose! Os raios da Lua — invisível para nós — pareciam encharcar de creme alvíssimo a Terra, transparentando uma espécie de crosta negra e revelando-nos, muito ao longe (... a 16.000 metros), umas montanhas. Entre nós e elas podia-se desenhar uma recta... Com que alvoroço sentimos que o balão baixava, primeiro lentamente, depois velozmente! Não fazíamos a menor ideia do que seria a nossa *atterissage* e era possível que nos esfarelássemos ao chocar com a Terra — mas... Uff! fugíamos do espaço infinito, dentro do qual nos julgávamos já perpétuos degradados... A 400 metros, abri as vigias... lenta e prudentemente, para deixar entrar, pouco a pouco, o ar — o nosso ar, que tanto tempo não respiráramos... Finalmente — a Terra... Um pequeno choque sem a menor beliscadura. Não sabíamos se estávamos na Europa, se na América ou na Ásia! Foram os montanhese que nos disseram que estávamos no Tyrol austriaco...

«Bom! Confesso a minha grande alegria por ter regressado à Terra — mas ela é inferior ao que gozo pensando que fui o primeiro homem... que saiu da Terra — e voltou!».

O português que...

Foi também o extravagante R... B... quem me forneceu, numa segunda visita nocturna, os elementos para esta narrativa. E, ao rematá-la, disse:

— Eis as principais conclusões que o professor Piccard tirou da sua aventura: 1.º — que a aviação pode e deve usar essas regiões, onde não existem tempestades e que, portanto, oferecem maior segurança e intensificam as velocidades até ao triplo da média actual: Paris-Nova York poder-se-ia fazer em 9 horas... 2.º — e esta é que me interessa porque me confirma e me en-

O Beeker, de Berlim, faz-se pagar por 100 marcos a lição...

* * *

«... Agora, meu caro — rematou Muller — quando fôr ao «music-hall» e vir um ilusionista trabalhar, recorde-se da visita que fez hoje ao misterioso armazém dos «trucs»... do amigo que lá o levou...».

tusiasma — que, graças à sua experiência, a navegação no espaço e até a pretensão de visitar os astros se tornam absolutamente praticáveis...

Os olhos sonolentos de R... B... dilataram-se numa súbita e esgaseada expressão de febre. Qual é o mistério ou o segredo deste português, tão modesto de aspecto e tão ignorado do vulgo como o mais apagado dos cidadãos? Eis o que revela-nos noutra reportagem...

(Lêr, neste número, *O segredo do jovem português que quer ir à Lua*.)

Quem são os portugueses que vivem na Rússia

cou-se em Berlim, onde se formou como médico dentista; chegou a exercer clínica em Lisboa, na Avenida da Liberdade, onde está hoje o escritório de Castelo Lopes, voltando para Berlim em 1912. A Guerra obrigou-o a emigrar para a Suíça, onde a convivência com emigrados russos o contagiou de ideias avançadas, acabando por acompanhar alguns deles, após a revolução, estabelecendo-se na capital. Há quem diga que ele se alistou no Exército Vermelho; mas vários portugueses que fizeram parte da excursão internacional de turistas, em 1928, garantem-me que ele continua a exercer clínica particular...

Quanto aos outros dois, sabe-se que um deles tem um apelido vulgaríssimo — Costa — e que trabalha, como operário, numa fábrica do governo, ignorando-se o mistério do seu passado; o outro — o outro é o famoso Capitão José (usa o nome de baptismo como apelido), um elemento muito conhecido do nosso meio operário, que trabalhou na *Humanité*, de Paris, alistando-se depois no Exército Vermelho como simples soldado. Distinguiu-se por tal forma que dois anos depois tinha as divisas de capitão, comandando uma esquadrilha de aeroplanos.

Bertrand (Irmãos) Lda.

Impressores Gravadores

Tr. da Condessa do Rio, 27 - Lisboa

Telef. 2 1368

Trabalhos tipográficos

CRISE TEATRAL

Não é crise de Teatro, é decadência!

Nestes últimos dōze meses não se pode avaliar a situação do Teatro português porque, excepcionalmente, as questões políticas e financeiras tiraram, proporcionalmente, público a todos os divertimentos que constituem a vida espiritual da população. É bem visível o retraimento a gastos supérfluos na vida de cada cidadão, que não vai tantas vezes ao teatro ou cinema, como não vai tantas vezes ao alfaiate ou anda de taxi.

Portanto, seria disparate avaliar-se o valor do movimento teatral de uma época não tendo em consideração os motivos ocasionais do prejuízo sofrido por duas ou três empresas.

Alguns empresários — os menos escrupulosos — pretendem justificar o fracasso que tiveram com a palavra muito em voga: a crise.

Não me interessam as origens duma época como a que estamos atravessando, por ser um período transitório, amargo como fel, portanto de natural excitação e ansiedade.

Sempre houve os que ganharam e os que perderam, e em negócio será sempre assim.

A situação é que não autoriza que os de menos escrupulos não cumpram para com os artistas.

Há momentos difíceis de parte a parte que é preciso atender; mas os verdadeiros empresários dispensam sempre a comiserção de quasi todos os seus contratados.

Mas não é bem este assunto que pretendo tratar. Necessito pôr em foco a situação do teatro durante dez anos antes desta época. Como? Em meia dúzia de linhas? Seria impossível. Detalhadamente? Não merece a pena. Num protesto sincero que sairá da minha consciência, observação e lealdade com que tenho lidado com todos, em holocausto ao Teatro português, que tem sido a minha única preocupação e estudo na ânsia de o ver melhorado... Vamos a vêr...

Presentemente, que miséria vai por esse mundo teatral!

Sabe-se lá quantas tragédias se têm desenrolado nestes últimos meses! E há quem se tenha aproveitado da situação infeliz do actor português!, a quem, como aves de rapina, alguns traficantes organizadores empalmam o dinheirinho para pôr em conflito as gentes de teatro com as entidades officiais. Quantas vezes temos sido ameaçados com o fechar dos teatros, a propósito de qualquer incidente de menos importância!

Ainda há pouco, assinámos um papel para uma instância official, pedindo que não consentisse no encerramento de um dos melhores teatros do Norte. E a propósito de outro que ameaçava fechar as portas aos artistas, houve um sócio que, por motivos de interesse, evitou que tal fizessem.

Porque é que alguns empresários mudaram a exploração de teatro para cinema?

«Porque — dizem elles — o público não vai ao teatro. O público tem razão; já não há bons elencos nem boas peças.»

Se são elles que o afirmam, que havemos nós de dizer?!

Eis os beneméritos de teatro!

Não deixam um êxito assinalado em prol do Teatro, não deram a mão a nenhum actor ou encenador, nem escolheram uma peça que, pela sua análise, montagem e interpretação, fizesse perdurar o seu êxito na memória de todos. Tudo foi assoprado! O tiro foi sempre regulado com a cumplicidade de muitos colegas de prestígio... Adiante.

Estranham, talvez, os meus colegas que eu, um artista, fale assim, desassombadamente!

Pois quem há de dizer as coisas, fóra da injeção de cafeína que nos atordoa desde o meio dia às sete da tarde e das conversas venenosas sem proveito aos próprios?

(Continua na página 15)

HISTÓRIA

de uma herança

A propósito de um artigo publicado em um dos números transactos do Reporter X, recebemos com pedido de publicação a seguinte carta:

Sr. Director do «Reporter X»:—Sou aquela personagem que no penultimo numero do seu semanario se descreve e se apresenta como tendo manobrado na sombra em um caso de captação de bens pertencentes a um orphão, meu afilhado. Porque a lei me confira o direito de defesa no mesmissimo lugar em que o «Reporter X» me malsina, de contar é que não deixe de dar publicidade ao que se me oferece dizer em resposta ao que subordinado ao titulo «Historia» a paginas 12, o referido numero contem.

«Ora quem leia os jornaes diarios com atenção deve notar, segundo o «Reporter X», umas pequenas noticias, muito pequenas, que escapam aos olhos dos profanos... Sabe-se, por essas noticias, conforme ainda «Reporter X», que a policia de Investigação Criminal trabalha afanosamente no apuramento de responsabilidades do desvio de uma herança, que caberia legitimamente a Alberto Acurcio das Neves,» a prenda do tal meu afilhado. Foi o «Diario de Lisboa» um d'esses jornaes, e quem o lesse a seguir, com atenção, decerto ficou assáz inteirado na parte que me toca. Lá veio na verdade publicada uma carta minha que de aventura haverá escapado a um ou outro não profano.

Ora depois da carta a que me estou reportando, entendi que me era permitido não voltar a faser estendal de letra de fôrma pacientemente esperando pela sentença do tribunal no processo que para investigação de paternidade principiou correndo, a requerimento de um pretenseo filho do testador, seja o meu impagavel afilhado, que por seus meritos e virtudes desde tempo bastante não me interessa, continuando eu para a «Historia» a nada ter com o sujeito apesar dos notaveis progressos que revela, o que me apraz reconhecer. Isto quanto ao afilhado; quanto ao falecido José Acurcio das Neves o pretendido pai putativo da creança, e a minha humilde pessoa, nenhum grau de parentesco nos ligava, pelo que não lhe cumpria contemplar-me a esse titulo no testamento que deixou, do mesmo modo não me contemplando a outro qualquer. Os bens testados, em publico e razo o repito, encontram-se na posse dos herdeiros legitimados.

Depois, uma vez arrumado á luz do sol o litigio pendente das justicas do civil, ver-me-ha então o «Reporter X» apparecer ao afilhado, nas do crime, a exigir-lhe estric-tas contas pelas infamias bolsadas contra mim, n'uma insistencia de que os grandes animadores são alguns individuos de boa vontade porque, diga-se em nota á margem,

o valor estimativo da causa é de 2.000 contos.

Desenvolvendo a urdida «Historia» pretende o «Reporter X», além de tudo mais, que o sympathico Alberto Acurcio das Neves, (um nome pomposo com que o cavalheiro se emfeita, pois que o seu nome é Alberto José Gomes, o que faz diferença) internado aos 14 anos, em 1918, na casa Pia, ali continuou o orphão até 1922, pois que por essa epoca o fui buscar para o remeter a Loanda afim de o garoto «tomar juizo». Esta a historia que reza o «Reporter X». Agora a veridica historia que se enceta logo nos iniciaes periodos da adolescencia do esperançoso infante, e de que os promeneiros particularmente conhecidos são do Sr. Alfredo Soares, ao tempo Subdirector do citado estabelecimento, e por felicidade ainda vivo, o que registu com praser igual ao do «Reporter X».

Em primeiro lugar, a admissão do garoto na Casa Pia representa o desembolso de meia duzia de contos, convido não omitir que os contos de hoje valem um pedaço menos que os esportolados. Em segundo lugar, temos que o garoto sahii da Casa Pia. E sahii porque a isso o compelliu o proprio Sr. Alfredo Soares com o fundamento de que ao pequerrucho não era possível conservá-lo, na Casa Pia por motivos de disciplina e de prestígio que é necessário ali manter-se. Admais de numerosas faltas cometidas, de que por vezes, valha a verdade, se me dêra conhecimento, acabava a inoffensiva creatura de dar duas canivetas no sub-perfeito Sr. Antonio Martins, o que é citado como feito de guerra no despacho da Direcção, de 27 de Maio de 1922, data em que o garoto teve baixa na matricula, de que existe certidão no meu arquivo.

Hoje, mea culpa, mea culpa, verifico não ter andado bem avisado acolhendo o inde-sejavel devolvido. Não havia eu feito á Casa Pia uma doação ao abrigo da qual lá consegui internar o prometedor molatinho a troco da obrigação que contrairam de educá-lo e armá-lo para a vida, garantindo-lhe inclusivamente o futuro? E averiguado que de emenda não era susceptível o meu adoravel afilhado, a dentro da Casa Pia, não era a esta que competia cuidar-lhe do destino? Como Assi? Admite-se que a Casa Pia me devolvesse o pobre orphão quando era bem certo que este em absoluto carecia da protecção de um estabelecimento que é de caridade, mas que, volvidos anos, depois de maior e vacinado, o orphão abandonasse a situação que por meu empenho tinha na Africa que o viu nascer, de longada deitasse até cá predisposto a regalar-se á custa dos papalvos, e seja afinal a assistencia que o esteja amparando, do que o inclito varão se gaba, a despeito de se ver por ahí tanto velho e tanta criança a esmolar em vão? O que não faz sentido é que aqui onde me vê o «Reporter X» cahii com 400 escudos, enredado n'um d'esses vigarios de que o afilhado é fertil. Mas d'esta feita, rapaz, fechou-se a torneira.

Ora se a «Historia» narrada pitorescamente nas colunas do «Reporter X» não brilha no amor pela fidelidade na exposição dos factos de maior relevo, menos ainda prima no ponto, ou nos pontos em que devia ser completa e não é. Que conta dá o Alberto do que praticou durante o espaço mediado entre a expulsão, da Casa Pia, e sua ida de castigo para os penates, nas areias d'África? É bem simples. Mandei-o para Serpa apascentar gado; a breve trecho, porém, o nosso herói era-me recambiado, atento que o maioral considerava sobrehumano domesticar um bichinho que lhe amargorou durante alguns meses, a existencia. Claro está voltou para minha

casa, marcando como uma verdadeira calamidade a temporada que em casa o tive. Vivia-se com o credo na boca porque, ao menor descuido, o afilhado roubava tudo quanto descobria ao alcance da garra, e, se em punição o plantavam no patamar da escada, entretinha-se illustrando de obscenidades as paredes. Ora não sendo eu pai, e muito menos mãe, do actual cavalheiro de que se faz cargo o «Reporter X», assentei, posto que tardiamente, em pôr a distancia respeitavel, isto é, em Africa, o autentico africano que de lá fôra importado. Para a Africa me encaminhei eu, aos 16 anos, embora europeu; para lá foram ou vão, lá se applicam e não morrem muitos outros, sem o engodo de promessas a solicitar que nos retiremos de nossas casas, do conchego e carinho das familias. Promessas fal'as quem vái em busca de fortuna ou granjear, na peor hipotese, o bastante para garantir bem estar a quem fica. Promessas minhas ao sobredito cujo não as houve, nunca jamais em tempo algum. Aconteceu, sim, que o recomendei a um amigo dedicadissimo, o santo homem Antonio Pinto de Sousa Santos, alma ao bem sempre propensa, o que lhe valia ser protector nato de pretos e molatos. Todo o commercio do litoral, como o do interior, em Loanda, conhecia o velho colonial, e os mais modernos se o não conheceram teem noticia, de sorte que pela cabeça de ninguém passa a ideia extravagante de que, n'aquelle caracter de fina tempera, fisessem presa os maus disingnios que eu tivesse distribuindo-lhe papel de meu testa de ferro. A memoria d'esse benemerito é babujada pelo bisborria que á patada o recompensa do emprego, da cama e da mesa com que foi atendido enquanto o não empregou. Basta.

Ora eis aqui está em que circunstancias devolvi á procedencia um exemplar de côr que consenti se criasse perto de mim para o educar, norrear e poder ele vir a ser gente, mas em pura perda foi o esforço dada a natureza rebelde de um catita que se engenha em não produzir nada de nada, exceptuados os vigarios.

Tudo é possível, se o «Reporter X» precisa de um moleque para botões (do hespanhol, botones) eu lho cedo presurosamente abocando da minha qualidade de padrinho em seu favor.

Emprehenda o «Reporter X» esse comenteo e poupará, quem sabe, ao afilhado que lhe endosso, uma viagem de retorno que não será positivamente de praser.—Francisco Maria Lopes.—Rua Nova do Almada, 1.»

O sr. António de Sousa Santos, chegado há pouco tempo de Africa, pede-nos para esclarecer os nossos leitores que não é o António Sousa Santos que perseguiu Alberto Acurcio das Neves em Africa. Este esclarecimento, que fazemos para sossêdo do sr. António Sousa Santos, que nos procurou, seria desnecessário, visto que o outro é já falecido.

**LEIAM A
NOVELA POLICIAL**

CRISE TEATRAL

(Continuação da pag. 13)

Quem há de dizer áqueles que se interessam pelo teatro que temos mais simpatia pelos empresários de que antipatia? Que gostaríamos de colaborar com eles na questão dos impostos que sobrecarregam os espectáculos, na antipática imposição de pagamento aos bombeiros e polícias e da falta de cumprimento de contratos com as provincias?

Quem há de comentar o que nos está succedendo, sem que ninguém nos defenda da concorrência de amadores da pior espécie arvorados em actores com uma licença como a que possuímos, a fazerem espectáculos por aí, com um impudor próprio de antigos salteadores de mascarilhas?

Quem nos livra de espectáculos vergonhosos como os que deram há pouco numa vila ribatejana meia dúzia de actores que fizeram rir nas scenas mais dramáticas de dois dramas bem conhecidos e apreciados?

Quem é que dá providências para que os actores não procedam mal para com o público, quer do Norte, quer do Sul, indo para a cena com as botas e o fato da rua, chegando os artistas a andarem sem as suas malas próprias durante tempo; para não cortarem os actos ás peças; para não anunciarem artistas que já não fazem ou nunca fizeram parte do elenco; para não dizerem nos reclamos: *montagens tal como as dos teatros de Lisboa*; para não ir a determinada terra do Alentejo um grupo de coristas ensaiar dia e noite uma revista completa e representá-la no dia seguinte perante um público que manifestou o seu desagrado absoluto?

Como se consente que alguns desconhecidos trabalhem lá fóra, nas provincias, com os mesmos nomes dos de reputação feita em palcos de Lisboa? É um atentado ao reconhecido direito do nome artístico registado na repartição competente.

Será ideia dos próprios? Já me garantiram que não. São os organizadores que acham melhor pôr nos cartazes e programas o nome do artista mais célebre, e, por consequente, mais conhecido no ouvido do público!

Por este sistema, se apparecesse em teatro um individuo que se chamasse *Luz de Camões*, o empresário advertiu e traficante annunciá-lo-ia em fim de festa: *O sr. Luiz de Camões lerá os «Lusiadas com uns cortezinhos autorizados pelo autor.*

Numa terra do Algarve, uma actriz que dava o nome à Companhia, ao vêr uma

casa de pouco rendimento, apesar de cheia, disse para o colega em cena, num tom que todos ouviram na plateia: *«Corta, corta, que isto para quem é bacalhau basta».*

E mais! E muito mais!
Quem é que nos conta tudo isto? O público, que já não nos critica, lastima-nos e ausenta-se dos espectáculos, confiando no seu pressentimento de que lhe não agradaria, se fósse...

Então, quem é que há de falar da exigência de percentagem que estipulam as empresas das provincias, nos transportes de material das estações para os teatros, na concorrência desleal dos programas cinematográficos impostos ás empresas com o mínimo de um mês de antecedência, absorvendo todos os dias melhores para espectáculo, como seja o domingo? Então quem é que há de falar nessa bárbara exigência do pano de ferro nos teatros de provincia? Muitos, coitados, nem pano de boca têm! E outros — a maioria deles — não têm altura de palco, são salas de academias, como as de Lisboa para amadores.

E os direitos de autores, quando em sociedades artisticas?

E as facilidades que damos para a saída duma tal Companhia, para, no fim da digressão, o sócio ou sócio gerente, que combinou o ordenado mensal, ficar a dever, como outro dia vários colegas se lastimaram, devendo-lhes as empresas, a um, 1 conto; a outro, 2 contos; a outro, 5 contos!; a outra, 7 contos!; a outra, 15 contos!; a outros, 18 contos!; a outra, 22 contos!; a outra, 27 contos!; a um casal, 32 contos!; a outro e mais a outro, muitos milhares de escudos!!!!!!

Todas estas exclamações dariam o cabedal suficiente para fazer uma revista só para mulheres, mas montada só por homens! É uma ideia! Que successo serial... E a pouca vergonha de marcarem espectáculos com peças que não estão ensaiadas e, depois de estar a Companhia no local, anunciar a modificação, alegando ignominias aos colegas?

E os traficantes que combinam com os artistas e faltam?

E os traficantes que combinam com os empresários e faltam?

E a luta desigual com o mercado de fitas faladas em espanhol, francês, inglês e alemão?

Quem é que há de tratar destes assuntos? Os empresários? O público? Não. Os artistas.

Se há que fazer justiça a alguns empresários e artistas, também há que pedir justiça para o saneamento do Teatro português, ao mesmo tempo que sejam erguidas com outros alicerces as bases dum novo teatro, que seja estatuído um novo regulamento, e que surja um novo diploma que classifique o actor português de cidadão livre, garantindo-lhe a alta missão da sua profissão em qualquer parte do território em que se fale a lingua portuguesa, contribuindo para a sua propaganda.

Mas, sem querer, desviei-me do assunto a tratar. Vamos a vêr...

Maio, 1931.

JOAQUIM OLIVEIRA
Comediante

O JOVEM PORTUGUÊS QUE QUERE IR À LUA

(Continuação da pagina 10)

cinco foguetes potentosos. O primeiro impulso é dado no próprio espaço, quando a força própria do aerostato se nivelar a si própria, ou seja quando estacar. A partir desse momento o balão

é apenas um utensilio neutro — uma carga a mais. Com a potência dos foguetes, que são disparados electricamente, sem necessidade de pressões, grandes ou pequenos, a distância que podemos atingir é incalculável. Temos também — e isso constitui uma das maiores surpresas da minha viagem — os «timans-dinamos», que são como que o «espírito» do aparelho, o seu cérebro, o seu equilibrio. Os meus «timans-dinamos» asseguram-me a pilotagem no espaço, o equilibrio da descida e tornam o meu aparelho cativo da terra... sem necessidade de cabos.

Calou-se o meu visitante. Um louco? Não! Loucos são todos os homens que sonham para além do visível. Pode fracassar, mas não é um louco. Duas perguntas lhe dirigi ainda:

— Pensa fazer a viagem sózinho?

— Não! Tenho um herói que me acompanha. Mas tenciono convidar Piccard para vir comigo.

— Quando pensa partir?

— A primeira viagem deve ser realizada no fim deste ano. Fixei já a data — mas não a revelo. Apenas assistirão á partida as testemunhas indispensáveis, entre as quais um jornalista, um só. Espere com paciência, que um belo dia, quando menos o esperar, será avisado...

Espere, pois, com paciência, esse grande dia de emoção...

EX-ALUNOS DA CASA PIA

Um grupo de ex-alunos da Casa Pia de Lisboa teve uma ideia simpática: organizar uma grande associação, onde se filitem todos os alunos e ex-alunos da Casa Pia, que os há aos milhares, espalhados por todo o país e no estrangeiro, ocupando as posições sociais mais variadas, desde os altos postos do exercito, da magistratura e das sciencias aos modestissimos empregos.

A comissão nomeada numa reunião dos corpos gerentes do Casa Pia Atlético Club e outros elementos casapianos estabeleceu já um plano de trabalhos a que vai dar pronto seguimento, enviando um questionário a todos os ex-alunos da Casa Pia, esperando assim colher elementos que a habilitem a estabelecer as bases de tão grande obra. Trata-se de um bem elaborado documento em que se pretende registar a vida do casapiano dentro e fora da Casa Pia.

Sabemos que a comissão se empenha por que aquele questionário seja diligentemente preenchido e enviado a tempo de facilitar elementos para, numa grande reunião projectada para 5 de Julho próximo — comemoração do 151.º aniversário da Casa Pia —, se poder apreciar um esboço da finalidade a atingir.

COISAS QUE TODOS DEVEM SABER:

A CASA QUINTÃO
vende os afamados
Tapetes de Beiriz,
faianças artisticas
e mobiliário
género antigo

Rua Ivens, 30 a 34
Telefone 2 6064

Quereis dinheiro?

Jogai no

GAMA

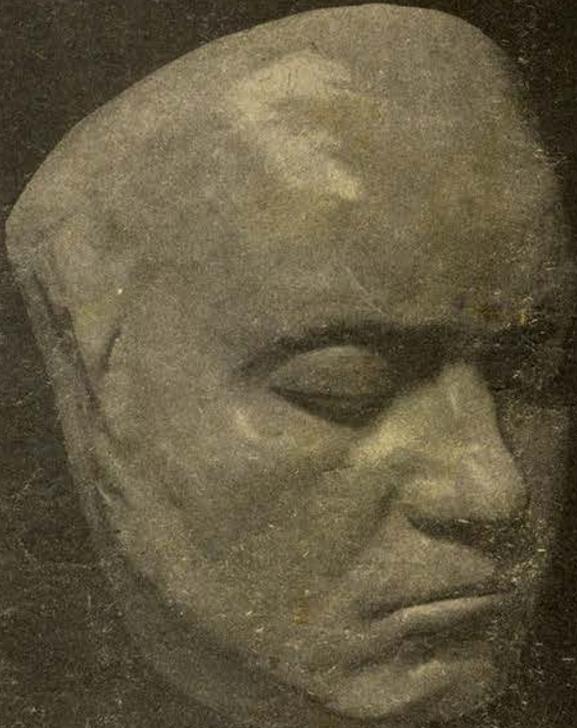
R. do Amparo, 51-LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$50 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

Beethoven.



Robespierre.

**A
M
A
S
C
A
R
A**

DOS

**M
O
R
T
O
S**